

PRAIAS DO ARACAJU

UM ESBOÇO HISTÓRICO

Francisco José Alves.¹

A região das “praias do Aracaju” (Atalaia Velha até o Mosqueiro) tem uma história longínqua. Antes da conquista de Sergipe, em 1590, a área era habitada pelos tupinambá, índios que povoavam o litoral brasileiro, grosso modo, de São Paulo até o Ceará. (Fausto, Carlos. *Os Índios Antes do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p.69).

Os tupinambá que habitavam o litoral de Sergipe antes da colonização eram povos que viviam da agricultura da mandioca e do milho, da pesca fluvial e marítima. As aldeias destes índios eram formadas de quatro a cinco malocas dispostas em torno de um pátio central e abrigavam de quinhentas a duas mil pessoas. (FERNANDES, Florestam. *A organização social dos tupinambá*. [2ª] São Paulo: Hucitec, 1989. p. 25-53.).

Na época da conquista, o território de Sergipe era habitado por diversos grupos indígenas (DANTAS, Beatriz Góis. “Os índios em Sergipe. In: DINIZ, Diana Maria de Faro Leal. (org.). *Textos para a História de Sergipe*. Aracaju: UFS/Banese, 1991. p. 19-60.). Os cronistas antigos registram que no sítio do atual Aracaju morava o cacique Serigi e sua gente. (Silva, Clodomir. *Álbum de Sergipe*. Aracaju: Governo de Sergipe, 1920, p.10). A região era muito valorizada pelos silvícolas em decorrência dos recursos naturais das praias e mangues. Um testemunho do século XVI fala explicitamente que os tupinambá vinham coletar mariscos às margens do rio Sergipe para o seu sustento.

Efetuada a conquista do território, grande parcela da população tupinambá foi dizimada ou migrou para o interior. Restaram muitas “taperas” (aldeias extintas) e a parte restante dos índios foi aldeada pelos padres jesuítas e outros missionários. O território, antes dos tupinambá, é repartido entre os conquistadores na forma de sesmarias. É o que ocorre com as terras do cacique Serigi nas “praias do Aracaju”. Em 1602, doze anos após a conquista das terras sergipenses, Pero Gonçalves solicita e obtém do Capitão-mor uma sesmaria “no cabo do Rio Aracaju [rio Sergipe?] numa ponta de terra que se mete entre dois apécuns”. O sesmeiro recebe uma fazenda com mil braças de comprimento e setecentas de largura. (Petição e Despacho da carta de Sesmaria de Pero Gonçalves. São Cristóvão, 7 de agosto 1602. Apud: Freire, F. *História de Sergipe*, 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 370).

No início dos oitocentos, as “praias do Aracaju” continuam com o mesmo perfil dos dois séculos anteriores. “Aracaju” é então uma aldeia habitada pelos descendentes dos tupinambá. A população tinha na fabricação de louça de barro a sua atividade principal. Também se ocupava com a pesca e a extração do sal. Um cronista da época registra: “nos anos secos estes povos mais se empregam em extrair sal marinho, escavando nas praias do Aracaju grandes fossos, onde, depositadas as salgadas águas e expostas por um mês por excessivos calores do sol, evaporam de si as partes aquosas e fica no fundo dos grandes receptáculos guardados o sal cristalizado” (Souza, Marcos Antonio de. *Memória sobre a Capitania de Sergipe*. (1808) Aracaju: Typ. do Jornal do Comercio, 1878. p.17).

Outra atividade dominante entre os habitantes das “praias do Aracaju” daquele tempo era a pescaria nos mangues, mares e rios. Robalos, carapebas, pias, tainhas e curimãs eram os peixes colhidos pelos aracajuanos daquela época. (Souza, Marcos Antonio de. *Memória sobre a Capitania de Sergipe*. Aracaju: Typ. do Jornal do Comercio, 1878. p.8). Como se vê, a coleta de peixes e mariscos tem continuidade na área mesmo depois de efetuada a conquista e implantado o sistema colonial. A razão de tal permanência é simples: durante muito tempo a dieta dos habitantes do litoral brasileiro era constituída, sobretudo, de mariscos e peixes. Esta situação

teve vigência durante os quatros séculos iniciais da história-pátria.

No decorrer da segunda metade do XIX, o perfil da região não muda substancialmente mesmo com a transferência da capital da antiga São Cristóvão para o lugar da atual Aracaju (1855). Um viajante alemão que visitou a nascente capital observou e anotou como na urbe recente havia uma “parte bonita” constituída de pedra e cal, nos moldes da estética neoclássica e uma outra, no seu parecer, “horível aglomeração de casas cinzentas, de barro, com telhados de palha de coqueiro”. (Avé-Lalemant, Robert. *Viagem pelo norte do Brasil*. RJ: INL, 1953. v.1). Configuravam-se duas distintas cidades: uma com altaneiros edifícios e outra de casas de pau, barro e palha. Para lá do centro administrativo da novel “Aracaju de palha”, fiel à tradição arquitetônica dos antigos da região, os indígenas.

O século XX tem início sem que as “praias do Aracaju” sofram drásticas mudanças. O quadro permanece quase inalterado no tocante às atividades produtivas e ao perfil do

ambiente natural. A coleta do sal juntamente com a pesca continuavam como atividades principais. (Wynne, J. Pires. "Aracaju de outros e passados tempos". *História de Sergipe*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1973. v.2 p.407). O destino do pescado era o mercado da capital. Canoas e saveiros atracavam na "banca do peixe", na margem do rio Sergipe, à altura do início da velha rua Laranjeiras. (Coelho, José Rodrigues

Bastos. *Coisas e vultos de Aracaju*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1956. p.23-4).

Ancoradas as embarcações junto à "banca do peixe", um pescador anunciava a chegada do produto através do "apito suave" emitido por um búzio. Era um sinal conhecido dos moradores: "a boa nova que o peixe fresco estava chegando". (Coelho, José Rodrigues Bastos. *Coisas e vultos de Aracaju*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1956. p.24-5).

Um poeta que viveu à época evoca a Atalaia Velha naquele tempo: "Atalaia, (...), era de palha; e seu melhor transporte era a canoa". (Figueiredo, Jacinto. *Motivos de Aracaju*. 3 ed. Aracaju: Funcaju, 2000. p.33). Um outro testemunho do início do século XX lembra os meios de transporte usado pela população do Aracaju para visitar as praias de Atalaia e adjacências. Por mar, se viajava de canoa ou saveiro; por terra no lombo de animais de carga. (Wynne, J. Pires. "Aracaju de outros e passados tempos". *História de Sergipe*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1973. v.2, p.419).

Por volta dos anos vinte deste século, a praia da Atalaia e sua circunvizinhança era povoada por pescadores e agricultores de coco e mandioca. Um memorialista evoca "as mulheres do Robalo, Gameleira e Bacupari com cestas à cabeça indo à "feira do Aracaju" vender "beijos da Atalaia", peixe assado, pé de moleque, tucum e outras delícias nativas. Outras vezes, elas vendiam os produtos ali mesmo na praia: "apetitosas iguarias em frescas folhas de imbé". (Espinheira, Noel Montalvão. "Atalaia de Outrora". *Artes de Jovens*, Aracaju, n.22, p.7-11. 1972). Por este testemunho, vê-se que a tradição pesqueira e coletora da área teve continuidade no decorrer do século XX. Seus habitantes eram, então, pescadores, coletores e agricultores.

Um fator importante para a transformação das "praias do Aracaju" ocorreu durante o governo municipal de Eronildes de Carvalho. Em 1935, o prefeito mandou construir uma "ponte de cimento armado" sobre o rio Poxim, ligando a capital aracajuana à Atalaia Velha. (Mendonça, Corinto. *Contribuição ao Centenário de Aracaju*. Aracaju: Escola Industrial de Aracaju. 1954. p.61). Era o fim das peripécias dos veranistas aracajuanos que, até então, atravessavam o rio à canoa e seguiam a

Nota: o autor contou com a colaboração da professora Naide Barboza na coleta dos dados.

viagem a pé ou no lombo de animais. A construção da ponte significou uma maior facilidade de comunicação entre a capital e as "praias do Aracaju". Inaugurava-se uma nova fase para os veraneios dos moradores da capital de Ignácio Barbosa (1823-1855).

Outro marco significativo na História da região ocorreu nos anos sessenta. Em 1960 é finalizada a rodovia ligando a Atalaia ao povoado Mosqueiro. Esta estrada de piçarra resultou em maior facilidade de comunicação entre as duas localidades incluindo Robalo, São José, Gameleira e Areia Branca. (Fontes, Lia Augusta B.. *Transformações de povoados peri-urbanos: o caso do Mosqueiro*. São Cristóvão: UFS/Dep. de Geografia, 1981.). Com esta via os produtos agrícolas e pesqueiros puderam circular para a capital com maior facilidade.

Nos anos 70, ocorre outro marco significativo na trajetória histórica das "praias do Aracaju". É o momento frisante de expansão urbana do município. Pode ser destacado neste contexto a instalação do TE-CARMO (Terminal Marítimo de Carmópolis) na praia de Atalaia, próximo ao loteamento Aruana. (Ribeiro, Neuza M. O. *Transformações do Espaço Urbano: o caso de Aracaju*. Recife: Fundaj, 1985. p. 66.). A Atalaia que até então mantinha um baixo índice de construção toma um novo impulso com um número crescente de edificações.

Na década de oitenta tem continuidade o processo de urbanização da área. Em 1981 é recoberta de asfalto a via que liga a Atalaia ao Mosqueiro sendo denominada "Rodovia dos Náufragos". Esta designação foi em homenagem aos mortos no torpedeamento dos navios brasileiros pelos alemães na costa sergipana durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Ainda nesta década é inaugurada a Rodovia José Sarney ligando, pelo litoral, o povoado Robalo ao Mosqueiro. Outro fator significativo na época é a abertura de estradas vicinais conectando esta rodovia à costa. Tais fatos imprimem uma nova feição à região com o incremento de construção de casas de veraneio assim como a mudança no perfil dos moradores da região que adotam novas estratégias de sobrevivência: trocam as costumeiras atividades de pesca e cultivo agrícola pela prestação de serviços em Aracaju. Também vale destacar como fator de mudança da área a implantação do Loteamento Aruana, em 1980, o qual contribuiu para uma considerável valorização dos terrenos localizados no perímetro. Tal fato ocasionou a formação dos primeiros agrupamentos de barracas voltadas para a venda de bebidas e mariscos, contribuindo para o afluxo de banhistas ao local.